

A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA E O SUMIÇO DA SANTA: IMAGENS SOBRE A CARNAVALIDADE NA ESCRITA AMADIANA

POLLYANA DE CARVALHO HORMES (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB).

Resumo

Neste artigo foram analisados os traços de carnavalização em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* e *O Sumiço da Santa*, obras de Jorge Amado. Seguindo os pressupostos teóricos de Bakhtin (1987) sobre a carnavalização, como manifestação de desvios e a inversão de costumes e Damatta (1979), ao tratar sobre um tema próprio da carnavalidade: a dialética entre a casa e a rua, veem-se pontos de intersecção entre as duas obras amadianas. Ainda tomando por base os estudos de Bernd (2003) que discute o conceito de dessacralização da literatura, percebe-se que os textos de Amado desmontam os limites entre a vida e a morte, já que, nos textos carnavalizadores, a ideia de morte não remete à melancolia e, sim, à oportunidade de recontar sua história. Quincas festeja sua existência, mesmo depois de morto e Santa Bárbara, ao ganhar vida, personifica Iansã. Nas duas obras, a "profanação" está presente: em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, o próprio Quincas (paizinho), os quatro amigos Negro Pastinha, Curió, Pé-de-Vento e Cabo Martim, e a cachaça, poderiam configurar, respectivamente, Jesus, os Quatro evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João); e o vinho. Em *O Sumiço da Santa*, profano é – pelo menos para os etnocêntricos – transpor a imagem de Santa Bárbara, do catolicismo, para a ayabá Iansã, das religiões afro-brasileiras. Assim, o caráter encontrado nas duas obras do autor baiano desfechase no Brasil, como o país do carnaval, a mescla fascinante entre o carnavalesco e o carnavalizador, a vida e a morte, o sagrado e profano, o grotesco e o sublime.

Palavras-chave:

Literatura Baiana, Carnavalização, Cultura.

Neste artigo, analisaram-se, a partir dos estudos de Bakhtin (1987), e Roberto Da Matta (1979), traços de carnavalização em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* e *O Sumiço da Santa*, obras de Jorge Amado, por meio da pesquisa sobre os vieses culturais e sociais existentes no carnaval, ao passo que se abriu um leque de inversões dentre a carnavalidade em sua subjacente posição sociocultural, e outras referências sobre o tema, acatando a importância, a pluralidade e pontos de intersecção entre as duas obras.

Na obra *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, o autor retrata a vida de Joaquim Soares da Cunha, pai e marido exemplar, que esperou só o momento da sua aposentadoria de serviço público para abandonar sua vida social e viver nas ruas da Bahia, trocando de endereço, nome, família, respeitabilidade, conhecidos, amigos e tradição por uma vida de malandragem, alcoolismo, prostituição e jogos. Joaquim transforma-se em Quincas, o querido do povo do Taboão, o amado das prostitutas e malandros.

Em *O Sumiço da Santa: uma História de Feitiçaria*, o cenário é a Bahia, espaço onde o impossível torna-se plausível. Dessa forma, a imagem da Santa Bárbara, trazida de Santo Amaro para uma exposição, transfigura-se em Iansã, revolucionando a cidade e mexendo com todos os personagens da trama.

Quincas Berro D'Água e *O Sumiço da Santa*: duas obras distintas, mas com um elemento convergente: a carnavalização do enredo.

A carnavalização, segundo Bakhtin (1987), é a manifestação de desvios, inversão de costumes tais como: a troca do sacro pelo profano, do velho pelo novo, da vida pela morte, do sublime pelo dantesco, sem levar em conta quaisquer imposições sociais ou culturais, ou seja, é uma maneira de ver o mundo pelo avesso:

Durante a realização da festa só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no profundamente." (BAKHTIN, 1987 [1965], p. 18)

Partindo, também, desse pressuposto teórico sobre carnavalização, tais características foram transpostas para a literatura de Jorge Amado. Desse modo, há pontos de intersecção entre *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* e *O Sumiço da Santa* que caracterizam a carnavalização, neste, por ter sido arrancado da morte para ir à farra junto com os amigos:

Um trago para esvaziar a garrafa. Puseram Quincas de pé. Negro Pastinha comentou:

- Tá tão bêbedo que não se agüenta. Com a idade ta perdendo a força pra cachaça. Vambora, paizinho. (AMADO, 2000, p. 82).

Naquele, pelo fato de a imagem de Santa Bárbara ganhar vida e sair pelas ruas:

Um trago para esvaziar a garrafa. Puseram Quincas de pé. Negro Pastinha comentou:

- Tá tão bêbedo que não se agüenta. Com a idade ta perdendo a força pra cachaça. Vambora, paizinho. (AMADO, 2000, p. 82).

Em *O Sumiço da Santa*, a imagem de Santa Barbara ganha vida e sai pelas ruas:

[...] a Santa saiu do andor, deu um passo adiante, ajeitou as pregas do manto e se mandou. [...] Lá se foi a Santa Barbara, a do Trovão, subindo a Rampa do Mercado, andando para os lados do Elevador Larceda. Levava certa pressa, pois a noite se aproximava e estava chegada a hora do padê[1] [...] Antes que as luzes se acendessem nos postes, Yansã sumiu no meio do povo. (AMADO, 1988, p.21)

Nos textos carnavalizadores, a ideia de morte não remete à melancolia, e sim à oportunidade de recontar sua história. Quincas liberta-se e "vive" "uma noite memorável" (AMADO, 2000, p. 83). Santa Bárbara, ao ganhar vida, personifica Iansã. Assim, a carnavalização desmonta os limites entre a vida e a morte.

Em meio à mescla do folclore e da cultura popular é que são geradas as narrativas amadianas, e estes, também, são dois vieses da literatura carnavalizadora. Em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, a passagem que configura bem o folclore é a de sua morte mítica: "Até hoje permanece certa confusão em torno da morte de Quincas Berro D'Água. Dúvidas por explicar, detalhes absurdos, contradições no depoimento das testemunhas, lacunas diversas." (AMADO, 2000, p. 01).

E em *O Sumiço da Santa*, a mitologia dos orixás que personifica Santa Bárbara, agora, Iansã, é que abastece a narrativa:

Inseparáveis, Oxossi e Xangô, os dois amores de Yansã, entraram no arco-da-velha pelas portas do verdeazul e do vermelho e branco. Juntos partiram para a floresta, o deserto, o rio, as capitais da África, Lagos, Luanda, Praia, Porto Novo, o golfo de Benin, as terras de Aioká[2]. [...] Laroîê[3], lá se foi Exu numa cambalhota: trancou a porta do arco-íris. (AMADO, 1988, p. 389).

Nas duas obras, a "profanação" está presente em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, o próprio Quincas (paizinho), os quatro amigos Negro Pastinha, Curió, Pé-de-Vento e Cabo Martim, e a cachaça, poderiam configurar respectivamente: Jesus, os Quatro evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), e o vinho.

Em *O Sumiço da Santa*, profano é - pelo ao menos para os etnocêntricos - transpor a imagem de Santa Bárbara, do catolicismo, para a ayabá[4] Iansã, das religiões afro-brasileiras.

Roberto Damatta (1979) trata sobre um tema próprio da carnalidade: a dialética entre a casa e a rua, que em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* é representada pela morte (casa) e pela vida (rua), pois Joaquim estava morto em seu lar, mas ao sair pelas ruas com seus amigos, Quincas ressuscitou. Já em *O Sumiço da Santa*, enquanto Santa Bárbara permanece na Igreja (casa), está "morta", mas, a partir do momento que é levada para a rua, sai andando com toda vivacidade.

Outro ponto em comum entre os dois enredos amadianos é a presença da água, do mar. Pode-se fazer a associação do mar em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* com sua morte mítica, pois ele encontra, no mar, o seu fim, sua vida acabou em "águas" que lhe permitissem mergulhar em suas fantasias e liberta-se do mundo terreno:

No meio do ruído, do mar em fúria, do saveiro em perigo, à luz dos raios, viram Quincas atirar-se e ouviram sua frase derradeira.

Penetrava o saveiro nas águas calmas do quebra-mar, mas Quincas ficara na tempestade, envolto num lençol de ondas e espumas, por sua própria vontade. (AMADO, 2000, p. 94)

Já em *O Sumiço da Santa*, o mar pode ter um elo com a sua rainha: Yemanjá. Quem sabe se ao navegar nas águas do mar, Santa Bárbara conversou com Yemanjá e resolveram sair para passearem juntas, já que se tornaram amigas depois de Iansã ter salvado Yemanjá do seqüestro por Exu? :

[...]Iansã foi chamada e prontificou-se buscar a jovem [...] Raios começaram a se espalhar por todo o espaço, uma ventania muito forte envolveu o corpo de Iansã, que assim chegou perto da moça que a tudo assistia perplexa. O homem foi jogado contra uma parede atingido pela violência do vento. Um redemoinho as envolveu transportando-as para o reino de Olokun[5]. O mar se abriu dando passagem para o pequeno tufão cavalgado por Iansã. Dos olhos do rei correram lágrimas de alegria e gratidão quando avistou em meio ao tormento o rosto da querida filha. Iemanjá e Iansã tornaram-se amigas pela eternidade. (<http://pt.shvoong.com>)

No bojo das narrativas, circulam binômios que representam, por si só, traços da carnavalização: Em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, carnavaliza-se Quincas e Joaquim (vivo/morto). Em *O Sumiço da Santa*, o binômio: Santa Bárbara (sagrado, sublime) / Iansã (profano, dantesco).

O caráter carnavalizador encontrado em nas duas obras amadianas desfecha-se no Brasil, como o país do carnaval - há lugar melhor para tanto? - a mescla fascinante entre o carnavalesco e o carnavalizador, a vida e a morte, o sagrado e profano, o grotesco e o sublime, *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* e *O Sumiço da Santa*.

Os valores sociais que são arremessados para a sociedade, conduzem efeitos estéticos, padronizados e associados a cada classe social.

Essa concepção de separação, dar-se a uma heterogeneidade nas classes sociais, visualizando um único aspecto social, correspondendo a cada grupo, a individualização de cada indivíduo, permanecendo na sua determinada posição social.

Por isso, na sociedade industrial, individualista e moderna, criou-se um momento para sucumbir essa individualização. Deu-se ao surgimento da carnavalização com os respectivos aspectos característicos sociais, como, o soldado e o ladrão, o pobre e o rico, o profano e o sagrado, no qual através dessa mistura, proporciona ao coletivo a união, provocando a contrariedade e a inversão dos papéis que são permitidos nos rituais carnavalescos.

O encontro desses aspectos estão dentro das obras *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* e *O Sumiço da Santa* de Jorge Amado, caracterizando a inversão dos fatos entre os personagens, sobrepondo a uma estrutura rudimentar sobre a morte/vida.

REFERÊNCIAS

Amado, Jorge. **A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2000.

AMADO, Jorge. **O sumiço da santa**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. Hucitec, São Paulo, 1987 [1965].

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro** / Roberto da Matta Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

Dicionário em Keto - Terreiro de Yansã, (<http://www.terreirodeyansa/>, acesso em 11/02/2009, às 12:45).

Yemanjá é salva por Iansã (<http://pt.shvoong.com/>, acesso em 15/02/2009, às 14:49)

1 "É alimento ritual que caracteriza o início das cerimônias dos terreiros de Candomblé. O padê é endereçado a Exu, servindo de alimento votivo que condiciona a ação do mensageiro dos deuses bem como de suas propriedades mágicas. (...) O mesmo que é Kaá de Exu. É cerimônia e alimentação usual no Candomblé (LODY, 2003, p.55).

[2] De origem banto/Kwa (CASTRO, 2005 [2001], p.146), refere-se ao espaço físico e mítico dos oceanos. Terra de Yemanjá, divindade cosmogônica, princípio da criação do mundo, da fecundidade, de beleza. (PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DO AYOKÁ- NUCLEO DE PESQUISA E ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES AFRICANOS-AMERICANOS/ UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA)

[3] "Saudação para Exu. (CASTRO, 2005[2001], P.263).

[4]Orixá feminino, senhora idosa. (*www. terreirodeyansa*).

[5] Na mitologia Yoruba, Olóókun ou Olokun- No Benin é considerado como sexo masculino e em Ifé como sendo do sexo feminino, divindade do mar. Proprietário/a (Olo) dos oceanos (Okun). No Brasil é cultuada como mãe de Iemanjá e donado mar (Olokun).

Neste artigo, analisaram-se, a partir dos estudos de Bakhtin (1987), e Roberto Da Matta (1979), traços de carnavalização em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* e *O Sumiço da Santa*, obras de Jorge Amado, por meio da pesquisa sobre os vieses culturais e sociais existentes no carnaval, ao passo que se abriu um leque de inversões dentre a carnalidade em sua subjacente posição sócio-cultural, e outras referências sobre o tema, acatando importância, a pluralidade e pontos de intersecção entre as duas obras.

Na obra *A Morte e Morte de Quincas Berro D'Água*, o autor retrata a vida de Joaquim Soares da Cunha, pai e marido exemplar, que esperou só o momento da sua aposentadoria de serviço público para abandonar sua vida social e viver nas ruas da Bahia, trocando de endereço, nome, família, respeitabilidade, conhecidos, amigos e tradição por uma vida de malandragem, alcoolismo, prostituição e jogos. Joaquim transforma-se em Quincas, o querido do povo do Taboão, o amado das prostitutas e malandros.

Em *O Sumiço da Santa: uma História de Feitiçaria*, o cenário é a Bahia, espaço onde o impossível torna-se plausível. Dessa forma, a imagem da Santa Barbara, trazida de Santo Amaro para uma exposição, transfigura-se em Iansã, revolucionando a cidade e mexendo com todos os personagens da trama.

Quincas Berro D'Água e *O Sumiço da Santa*: duas obras distintas, mas com um elemento convergente: a carnavalização do enredo.

A carnavalização, segundo Bakhtin (1987), é a manifestação de desvios, inversão de costumes tais como: a troca do sacro pelo profano, do velho pelo novo, da vida pela morte, do sublime pelo dantesco, sem levar em conta quaisquer imposições sociais ou culturais, ou seja, é uma maneira de ver o mundo pelo avesso:

Durante a realização da festa só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no profundamente." (Bakhtin, 1987[1965], p. 18)

Partindo, também, desse pressuposto teórico sobre carnavalização, tais características foram transpostas para a literatura de Jorge Amado. Desse modo, há pontos de intersecção entre *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* e *O Sumiço da Santa* que caracterizam a carnavalização, neste, por ter sido arrancado da morte para ir à farra junto com os amigos:

Um trago para esvaziar a garrafa. Puseram Quincas de pé. Negro Pastinha comentou:

- Tá tão bêbedo que não se agüenta. Com a idade ta perdendo a força pra cachaça. Vambora, paizinho. (AMADO, 2000, p. 82).

Naquele, pelo fato de a imagem de Santa Bárbara ganhar vida e sair pelas ruas:

Um trago para esvaziar a garrafa. Puseram Quincas de pé. Negro Pastinha comentou:

- Tá tão bêbedo que não se agüenta. Com a idade ta perdendo a força pra cachaça. Vambora, paizinho. (AMADO, 2000, p. 82).

Em *O Sumiço da Santa*, a imagem de Santa Barbara ganha vida e sai pelas ruas:

[...] a Santa saiu do andor, deu um passo adiante, ajeitou as pregas do manto e se mandou. [...] Lá se foi a Santa Barbara, a do Trovão, subindo a Rampa do Mercado, andando para os lados do Elevador Larceda. Levava certa pressa, pois a noite se aproximava e estava chegada a hora do padê¹ [...] Antes que as luzes se acendessem nos postes, Yansã sumiu no meio do povo. (Amado, 1988, p.21)

Nos textos carnavalizadores, a ideia de morte não remete à melancolia, e sim à oportunidade de recontar sua história. Quincas liberta-se e “vive” “uma noite memorável” (AMADO, 2000, p. 83). Santa Bárbara, ao ganhar vida, personifica Iansã. Assim, a carnavalização desmonta os limites entre a vida e a morte.

1 “É alimento ritual que caracteriza o início das cerimônias dos terreiros de Candomblé. O padê é endereçado a Exu, servindo de alimento votivo que condiciona a ação do mensageiro dos deuses bem como de suas propriedades mágicas. (...) O mesmo que é Kaá de Exu. É cerimônia e alimentação usual no Candomblé (LODY, 2003, p.55).

Em meio à mescla do folclore e da cultura popular é que são geradas as narrativas amadianas, e estes, também, são dois vieses da literatura carnalizadora. Em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, a passagem que configura bem o folclore é a de sua morte mítica: “Até hoje permanece certa confusão em torno da morte de Quincas Berro D'Água. Dúvidas por explicar, detalhes absurdos, contradições no depoimento das testemunhas, lacunas diversas.” (AMADO, 2000, p. 01).

E em *O Sumiço da Santa*, a mitologia dos orixás que personifica Santa Bárbara, agora, Iansã, é que abastece a narrativa:

Inseparáveis, Oxossi e Xangô, os dois amores de Yansã, entraram no arco-da-velha pelas portas do verdeazul e do vermelho e branco. Juntos partiram para a floresta, o deserto, o rio, as capitais da África, Lagos, Luanda, Praia, Porto Novo, o golfo de Benin, as terras de Aioká². [...] Laroiê³, lá se foi Exu numa cambalhota: trancou a porta do arco-íris. (AMADO, 1988, p. 389).

Nas duas obras, a “profanação” está presente em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, o próprio Quincas (paizinho), os quatro amigos Negro Pastinha, Curió, Pé-de-Vento e Cabo Martim, e a cachaça, poderiam configurar respectivamente: Jesus, os Quatro evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), e o vinho.

Em *O Sumiço da Santa*, profano é – pelo ao menos para os etnocêntricos – transpor a imagem de Santa Bárbara, do catolicismo, para a ayabá⁴ Iansã, das religiões afro-brasileiras.

Roberto Damatta (1979) trata sobre um tema próprio da carnalidade: a dialética entre a casa e a rua, que em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* é representada pela morte (casa) e pela vida (rua), pois Joaquim estava morto em seu lar, mas ao sair pelas ruas com seus amigos, Quincas ressuscitou. Já em *O Sumiço da Santa*, enquanto

² De origem banto/Kwa (CASTRO, 2005[2001], p.146), refere-se ao espaço físico e mítico dos oceanos. Terra de Yemanjá, divindade cosmogônica, principio da criação do mundo, da fecundidade, de beleza. (PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DO AYOKÁ- NÚCLEO DE PESQUISA E ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES AFRICANOS-AMERICANOS/ UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA)

³ “Saudação para Exu. (CASTRO, 2005[2001], P.263).

⁴Orixá feminino, senhora idosa. (www. terreirodeyansa).

Santa Bárbara permanece na Igreja (casa), está “morta”, mas, a partir do momento que é levada para a rua, sai andando com toda vivacidade.

Outro ponto em comum entre os dois enredos amadianos é a presença da água, do mar. Pode-se fazer a associação do mar em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* com sua morte mítica, pois ele encontra, no mar, o seu fim, sua vida acabou em “águas” que lhe permitissem mergulhar em suas fantasias e liberta-se do mundo terreno:

No meio do ruído, do mar em fúria, do saveiro em perigo, à luz dos raios, viram Quincas atirar-se e ouviram sua frase derradeira.

Penetrava o saveiro nas águas calmas do quebra-mar, mas Quincas ficara na tempestade, envolto num lençol de ondas e espumas, por sua própria vontade. (AMADO, 2000, p. 94)

Já em *O Sumiço da Santa*, o mar pode ter um elo com a sua rainha: Yemanjá. Quem sabe se ao navegar nas águas do mar, Santa Bárbara conversou com Yemanjá e resolveram sair para passearem juntas, já que se tornaram amigas depois de Iansã ter salvado Yemanjá do seqüestro por Exu? :

[...]Iansã foi chamada e prontificou-se buscar a jovem [...] Raios começaram a se espalhar por todo o espaço, uma ventania muito forte envolveu o corpo de Iansã, que assim chegou perto da moça que a tudo assistia perplexa. O homem foi jogado contra uma parede atingido pela violência do vento. Um redemoinho as envolveu transportando-as para o reino de Olokun⁵. O mar se abriu dando passagem para o pequeno tufão cavalgado por Iansã. Dos olhos do rei correram lágrimas de alegria e gratidão quando avistou em meio ao tormento o rosto da querida filha. Iemanjá e Iansã tornaram-se amigas pela eternidade. (<http://pt.shvoong.com>)

No bojo das narrativas, circulam binômios que representam, por si só, traços da carnavalização: Em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, carnavaliza-se

⁵ Na mitologia Yoruba, Olóókun ou Olokun- No Benin é considerado como sexo masculino e em Ifé como sendo do sexo feminino, divindade do mar. Proprietário/a (Olo) dos oceanos (Okun). No Brasil é cultuada como mãe de Iemanjá e donado mar (Olokun).

Quincas e Joaquim (vivo/morto). Em *O Sumiço da Santa*, o binômio: Santa Bárbara (sagrado, sublime) / Iansã (profano, dantesco).

O caráter carnavalesco encontrado em nas duas obras amadianas desfecha-se no Brasil, como o país do carnaval – há lugar melhor para tanto? - a mescla fascinante entre o carnavalesco e o carnavalesco, a vida e a morte, o sagrado e profano, o grotesco e o sublime, *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* e *O Sumiço da Santa*.

Os valores sociais que são arremessados para a sociedade, conduzem efeitos estéticos, padronizados e associados a cada classe social.

Essa concepção de separação, dar-se a uma heterogeneidade nas classes sociais, visualizando um único aspecto social, correspondendo a cada grupo, a individualização de cada indivíduo, permanecendo na sua determinada posição social.

Por isso, na sociedade industrial, individualista e moderna, criou-se um momento para sucumbir essa individualização. Deu-se ao surgimento da carnavalesco com os respectivos aspectos característicos sociais, como, o soldado e o ladrão, o pobre e o rico, o profano e o sagrado, no qual através dessa mistura, proporciona ao coletivo a união, provocando a contrariedade e a inversão dos papéis que são permitidos nos rituais carnavalescos.

O encontro desses aspectos estão dentro das obras *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* e *O Sumiço da Santa* de Jorge Amado, caracterizando a inversão dos fatos entre os personagens, sobrepondo a uma estrutura rudimentar sobre a morte/vida.

REFERÊNCIAS

Amado, Jorge. **A Morte e a Morte** de Quincas Berro D'Água. Editora Record, Rio de Janeiro, 2000.

AMADO, Jorge. **O sumiço da santa**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. Hucitec, São Paulo, 1987 [1965].

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e herois**: para uma sociologia do dilema brasileiro / Roberto da Matta Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

Dicionário em Keto - Terreiro de Yansã, ([www.terreirodeyansa](http://www.terreirodeyansa.com), acesso em 11/02/2009, às 12:45).

Yemanjá é salva por Iansã (<http://pt.shvoong.com>, acesso em 15/02/2009, às 14:49)